



OS AZULEJOS de Adriana Varejão: alvura manchada por entranhas

Quando canibalismo não é antropofagia

Artistas de vários países interpretam a prática em exposição em Paris

Paulo Thiago de Mello

Especial para o GLOBO • PARIS

O antropólogo Claude Lévi-Strauss escreveu em 1993, no jornal "La Repubblica", que "somos todos canibais", e acrescentou: "A maneira mais simples de nos conhecermos através do outro é devorando-o." Tabu em nossa sociedade, o canibalismo, como o incesto, é tema que assombra e simultaneamente fascina o imaginário ocidental. Não é à toa que é objeto de estudo precioso em disciplinas como antropologia, etnologia, história, psicologia, medicina, sociologia e filosofia. Mas é no campo das artes que esse fenômeno humano extremo é expresso com vigor selvagem.

Exemplo disso é a exposição

que a Maison Rouge, em Paris, apresenta até 15 de maio. A frase de Lévi-Strauss, reproduzida em um painel na entrada, é como uma enorme epígrafe, preparando o espírito do visitante para o que virá. Mas é a aquarela surrealista de Oda Jaune que abre a exposição de maneira eloquente. No quadro, uma mulher devora outra, ao mesmo tempo em que é devorada, e a imagem da mulher devorada se torna espelho da mulher que come, sugerindo, nessa ambiguidade, a questão: quem é, enfim, o canibal?

Foi com espírito questionador que Jeanette Zwingenberger, curadora da exposição, selecionou os trabalhos, numa ideia de canibalismo que contrasta — e se pretende mais radical — com a noção positiva da antropofagia de Oswald de Andrade, expressa

em seu manifesto de 1928.

"Lévi-Strauss se pergunta como é a unidade do corpo em nossas sociedades e a ligação de parentesco entre nós", afirma Jeanette no vídeo que apresenta a exposição.

E, nesse sentido, a curadora indiretamente reforça a distinção entre canibalismo e antropofagia. O primeiro está associado à noção de comer carne humana para saciar a fome, num ato aleatório e individual, ao passo que o segundo se refere à ideia de ritual coletivo, em que a deglutição evoca simbolismos importantes para os ritos do grupo social. Enquanto Oswald recupera esta forma para falar de uma cultura nativa brasileira que se abre para o mundo pelo rito antropofágico, a exposição trabalha mais com a primeira noção.

A brasileira Adriana Varejão usa azulejos, uma referência à presença colonial portuguesa no Brasil, em sua "Azulejaria branca em carne viva", de 2002. A parede límpida, no entanto, se rompe em certo ponto, deformada por entranhas sangrentas, que mancham a alvura dos azulejos, ao ganharem volume e densidade, simbolizando a carne dos nativos dizimados pelo colonizador.

A exposição tem ainda uma seção que homenageia o pintor e gravador Francisco de Goya (1746-1828), com gravuras de sua série "Caprichos" e uma obra do brasileiro Vik Muniz, uma imensa fotografia feita a partir de lixo e entulho recolhido por crianças de favelas cariocas, representando Saturno no ato de devorar um dos filhos. ■